

ANAIS DA II JORNADA DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS DE PARINTINS



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
PARINTINS - 2018

Weberson Fernandes Grizoste
(Org.)

Anais da II Jornada de Estudos Clássicos e Humanísticos de Parintins

<https://amazonas.academia.edu/latinitas>
latinitates.weebly.com
facebook.com/latinitates

Arte da capa: Thiago Godinho
ISBN: 978-85-7883-473-9

Centro de Estudos Superiores de Parintins
Universidade do Estado do Amazonas
Parintins – AM
2018

- W. F. Grizoste (2015). **Os Timbiras: os paradoxos antiépicos da Ilíada Brasileira. Uma Eneida Brasileira?** Saarbrücken: Nova Edições Acadêmicas.
- T. E. A. Mota (2011). “Ritos de Morte e Celebração Heróica na Roma de Virgílio: Os Funerais de Palante e a Memória de Anquises”. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo.
- (2011). “A Resignificação da Morte Heroica na Eneida de Virgílio: Ritos Funerários e Representações do Mundo dos Mortos” **Anais/Resumos da 63ª Reunião Anual da SBPC**. Goiânia.
- (2010). “Heróis, Insepultos e Renegados: A catabases de Enéias e as Figurações do Hades na Epopeia Virgílica”. **Anais I Congresso Int. de Religião, Mito e Magia**. Rio de Janeiro
- V. S. Pereira (1992). “Sementes de Frustração na Eneida” in W. Medeiros; C. A. André; V. S. Pereira. **A Eneida em contraluz**. Coimbra: Instituto de Estudos Clássicos.



ANÁLISE DO MITO ATRAVÉS DA VISÃO POÉTICA DE ARISTÓTELES EM AS TROIANAS DE SÊNECA

Wesley dias Cerdeira [UFAM]

Orientador: Weberson Grizoste [UEA]

Resumo: *Este trabalho é uma análise da obra As Troianas do poeta e filósofo romano Sêneca e tem o objetivo de identificar o mito em suas duas formas na visão poética de Aristóteles descrevendo as relações entre o ficcional e o histórico. Trabalhando essas duas temáticas, pretende-se mostrar a estética senequiana na construção de sua tragédia e a história lendária de Tróia como matéria poética.*

Palavras-chave: Troianas; Mito; Aristóteles; estética senequiana

INTRODUÇÃO

A peça *As Troianas* de Sêneca vem retratar os acontecimentos após a queda de Tróia, onde a mulher, filhas e noras de Príamo, rei troiano, tem seus destinos traçados em um sorteio para os vitoriosos reis gregos. Sendo uma tragédia, vem imitar ações de homens superiores, neste caso dos membros da realeza grega, tendo como cenário as ruínas de Tróia. Se destaca em relação a outras obras de

seu tempo, pois mesmo atendendo aos preceitos de Aristotélicos em sua construção, sua estética é inovadora no desenvolvimento de estratégias narrativas, sendo um texto de grande originalidade e criatividade, digno de um dos maiores pensadores do início de nossa era.

É através da análise do Mito, principal elemento da tragédia proposto por Aristóteles que se pode ter uma maior compreensão e dimensão da construção dessa trama inspirada na tragédia homônima de Eurípedes. Identificando as duas formas de mito, sendo a primeira por arte ou imaginação e a segunda correspondendo à história ou às lendas heroicas gregas, como nos explica Machado (2001, pg. 4) que, “a poesia é imitação das ações humanas e a História é a narração dos eventos realmente ocorridos...” e trabalhando essas duas temáticas, pretende-se mostrar a estética genial e criativa de Sêneca na elaboração da tragédia e a história lendária de Tróia como matéria poética.

O MITO EM AS TROIANAS

O Mito é o principal elemento trágico, pois é a imitação de personagens que agem, sendo esse o princípio fundamento da tragédia, imitar uma ação de caráter elevado, então ela pode existir sem seus demais elementos, mas nunca sem o mito que é a alma da tragédia. Em *As Troianas*, o autor utiliza o mito trágico na imitação dos personagens das famílias reais gregas. Sêneca, “escrevendo tragédias e derramando-se num estilo pomposo e elaborado, utilizou o mito como uma espécie de alegoria” (CARDOSO, 2008, pg.11), ou seja, expos seu pensamento filosófico e artístico de forma figurada baseada nas histórias e lendas gregas, e situações ou ações dos personagens.

Sempre no seu ofício de poeta, Sêneca busca narrar o que poderia ter acontecido de maneira organizada com início, meio e fim, como afirma Aristóteles (1992, pg. 47) que, “os Mitos bem compostos não começam e nem terminem ao acaso, mas que se conformem aos mencionados princípios”. Embora o enredo da obra seja bem simples, sem muita movimentação e falta de clímax, que apenas ocorre nas mortes de Astíanax e Políxena, existe essa organização. Primeiramente com a queda de Tróia, em seguida as troianas sendo levadas como escravas, e por fim, destinadas em um

sorteio aos reis gregos. Já a catástrofe é prevista desde o início, pois tendo seus destinos traçados, já se sabe o que as aguarda.

Com esse olhar a partir do mito, percebe-se que a estrutura dessa peça foi muito bem construída e trabalhada, atendendo aos preceitos de Aristóteles se compondo-se de um prólogo, um párodo, três episódios, três estásimos e um êxodo. Se constituindo em um encadeamento ordenado e lógico de acordo com os eventos históricos.

AS DUAS FORMAS DE MITO

O mito é organização e como descreve Toledo (2005, pg. 73), “é algo que é construído racionalmente e tal construção se dá pela escolha de determinados acontecimentos relacionados com o desenvolvimento de uma ação que se tem em vista e que são encadeadas segundo uma ordem necessária”. Assim, escolhendo e organizando os eventos históricos, juntamente com o ofício de poeta, e a partir disso que se pode identificar a diferença entre o historiador e o poeta.

As duas formas em que se caracterizam o Mito trágico são as bases da tragédia que é a imitação de uma ação completa e Sêneca apresenta todas as partes da tragédia em uma organização estrutural histórica, sem modificá-la, mas trabalhando com base nisso as ações dos personagens na trama, com explica Gazoni (2006, pg. 67), que “não diferem-se o historiador e o poeta por fazer uso ou não, da metrificacão, [...] mas diferem por isto, por dizer, um, o que aconteceu, outro, o que poderia acontecer”. É a partir dessas perspectivas que as duas formas de mito são observáveis e sua importância na composição trágica.

A primeira por arte ou imaginação, onde corresponde ao poeta representar o que poderia acontecer na ordem do verossímil. É assim que Sêneca desenvolve o enredo com personagens psicologicamente bem trabalhados e a partir disso aplicando seu pensamento nos acontecimentos e ações imitadas, mostrando toda sua genialidade e criatividade inovadora no desenvolvimento das narrativas.

Percebe-se isso quando se descreve o cenário no segundo episódio com o túmulo de Heitor, onde Andrômaca esconde Astíanax e a última torre de pé em Tróia sendo criações de Sêneca

representando como descreve Medeiros (2013, pg. 134) dizendo que “aquele túmulo, aquela torre são a derradeira esperança dos vencidos”, pois o tumulto figura a morte e submissão, a torre ainda de pé o orgulho troiano e Astíanax representa a última esperança de recuperar Tróia e vingar-se, mas foi descoberto por Aquiles e o menino na torre subiu e de lá foi jogado destruindo assim todas as esperanças dos troianos.

Outras estratégias partem de criação senequiana, como as mulheres que desnudam os seio e se ferem mostrando seu sofrimento chorando as mortes de Príamo e Heitor, e o assassinio de Políxena no túmulo de Aquiles com as vestes de casamento. Tudo isso mostra a genialidade inovadora de Sêneca e o cuidado no desenvolvimento e elaboração das cenas e personagens. Como muito bem esclarece Cardoso (2008, pg. 59), “com a palavra constrói personagens, trabalhando-as em suas especificidades e conferindo a cada uma delas a personalidade própria”, sendo psicologicamente bem trabalhados, como nos casos de Hécuba e Andrômaca, mas também no tratamento de personagens mortos como Aquiles e Heitor.

A segunda corresponde às histórias lendárias e heroicas gregas nas famílias reais transformada em versos e cabe ao historiador narrar os acontecimentos, como nos explica Toledo (2005, pg. 73) que, “O poeta, no mito, é mais definido como contador de histórias do que como versificador [...] e a diferença entre o poeta e o historiador não está no meio emprego para escrever (verso ou prosa), mas no conteúdo”. Embora esse fato seja verdade, a história serve como contemplação para a arte poética e a utilização da lendária história da queda de Tróia por Sêneca.

Servindo assim como base para o desenvolvimento da poesia na trama elaborada e sua criatividade para prescrever o que poderia ter acontecido, contemplando assim a narrativa, como diz Machado (2001, pg. 4), “a história, como não é imitação, mas narração (diegese), não opera essa ação criadora e criativa, na medida em que o historiador apenas relata os acontecimentos que ocorreram num dado momento”, sendo os acontecimentos na trama, determinados pelos acontecimentos históricos. Detendo o conhecimento historiográfico e informações de autores em obras como a de Eurípidés, sobre a guerra de Tróia desenvolve o texto poético preenchendo os espaços vagos na narrativa histórica e propondo novos rumos para a história

reinventando-a. Por isso a poesia é algo mais filosófico e mais sério do que a história, pois se refere principalmente ao universal e não ao particular.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra analisada teve como princípio fundamental, identificar o Mito em suas duas formas na visão poética de Aristóteles descrevendo as relações entre o ficcional e o histórico no intuito de mostrar a estética senequiana que se caracteriza em uma narrativa histórica lendária e uma imaginação poética inovadora. Dessa forma esperamos contribuir para os estudos voltados para a estética senequiana que influencia diretamente escritores posteriores até os dias de hoje e para a Poética que serve como base de estudo, auxiliando na compreensão do gênero trágico e seus elementos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Autores Clássicos

- F. M. Gazoni (2006). **Aristóteles. A poética de Aristóteles**. São Paulo.
E. Sousa (1992). **Aristóteles. Poética** São Paulo: ARS Poética.
Z. A. Cardoso (2014). **Sêneca. As Troianas**. in **Tragédias: A Loucura de Hércules - As Troianas - As Fenícias**, São Paulo: Martins Fontes.

Autores Modernos

- Z. A. Cardoso (2008). “Estudos sobre as tragédias de Sêneca” in **O discurso literário com elemento caracterizador do espetáculo, nas tragédias de Sêneca: As Troianas**. São Paulo. Itinerários.
R. S. Machado (2001). “História e Poesia na poética de Aristóteles”. **MNEME Revista de Humanidades 1**. Pg. 1-8.
W. Medeiros (2013). “A torre e o Túmulo em *As troianas* de Sêneca”, **O canto das fontes. Hélade e Roma: luzes e afetos da vida**. Coimbra: CECH. 133-139.
A. M. Toledo (2005). **Mimeses e Tragédia na Poética de Aristóteles**. Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG.